

Discurso de Alioune Blondin Beye  
Representante do Secretário-Geral  
Da ONU em Angola

Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Excelência Sr. Secretário-Geral da UNITA,  
Excelência Sr. Secretário-Geral da Organização da Unidade Africana,  
Excelências Senhores Ministros,  
Excelências Senhores membros do corpo diplomático,  
Excelências Senhores Representantes das Instituições, Agências das Nações Unidas e organismos africanos e internacionais,  
Distintos convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Bendito seja este 20 de Novembro de 1994 em que estamos todos aqui reunidos na Zâmbia, nesta cidade de Lusaka cuja hospitalidade é lendária, para a assinatura do documento que encerra os resultados das Conversações de Paz para Angola, após longos e intensos meses de negociações. Este documento, o "Protocolo de Lusaka", porque será doravante apelidado, constitui a expressão mais acabada da vontade e determinação do povo angolano em terminar com a guerra e viver juntos num clima de paz e harmonia.

Trata-se da vitória do génio criador do homem sobre as forças do mal. Por isso, é o momento e local para saudar em primeiro lugar, a fé dos homens que acreditaram nessa paz para Angola apesar das operações militares que, até ao fim, fizeram duvidar do processo em curso em Lusaka. Mas Deus quis que os nossos trabalhos tivessem um desfecho feliz.

Excelência, Sr. Presidente da República da Zâmbia,

Com a assinatura que ilustra a vontade da Nação angolana em acabar com a guerra, eis-nos chegados ao fim das Conversações de Paz de Lusaka, para Angola, primeiro passo em direcção a uma vida nova para Angola. Obrigado! Excelência Presidente Chiluba porque esta cerimónia é em primeira instância o fruto do seu acolhimento, da sua generosa hospitalidade, da sua paciência, dos seus sábios conselhos. e do seu empenho pela paz em Angola, assim como do alto conceito que faz das relações de vizinhança. Segundo diz um ditado maliano, "se a desgraça gira a volta do pilão, a pessoa que o maneja não pode ficar insensível".

Com efeito, Sr. Presidente da República, haveis apreendido a importância que revestiria para o vosso país, a Zâmbia, para a sub-região, a África Austral assim como para toda África, a busca de uma solução pacífica para essa longa e dolorosa guerra fratricida.

Excelência, Sr. Presidente da República, os angolanos ser-vos-ão eternamente gratos porque o povo e o Governo zambianos não pouparam nem tempo nem esforços de vária índole e isso em período de crise económica, para a busca de uma solução negociada para o conflito fratricida. Durante doze meses vivemos e sonhamos juntos com este instante. Como sempre e segundo consta, a História acaba por dar razão aos grandes sonhadores, sobretudo quando estão animados por nobres motivações. O nosso sonho comum de ver Angola livre da guerra, está em vias de se concretizar. Estamos-lhe gratos, Sr. Presidente da República da Zâmbia, pela hospitalidade activa

e atenciosa que nos dedicou de mil e uma maneiras, pelos vossas sábios conselhos e pela vossa disponibilidade nas horas cruciais destas negociações. O que mais surpreende, é que tudo foi efectuado de maneira discreta e disso sou testemunha. Preferísteis a eficácia na discricção; fazer e deixar dizer ilustra a vossa grandeza de alma.

Doze meses não são doze semanas e menos ainda, doze dias. Regozijo-me pela harmoniosa coabitação porque, em Lusaka, não fomos tratados como estranhos. Mas, aplicando a tradição africana que diz que a disputa é uma das dimensões da coabitação, queria, em nome de todos, apresentar aqui e agora ao povo zambiano e de viva voz, as nossas desculpas pelo que pôde constatar no nosso comportamento. Nada que possivelmente vos decepcionou, foi intencional da nossa parte.

Excelência, Sr. Presidente da República da Zâmbia, reitero em nome do Secretário-Geral, a minha profunda gratidão e desejo ao vosso país uma prosperidade cada vez maior e muitas felicidades.

Excelências Senhores Chefes de Estado.  
Distintos Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Queria agora aludir aos principais actores deste feliz evento, isto é, aos próprios angolanos.

Nesse contexto, que me seja permitido expressar o meu reconhecimento mas sincero ao Sr. Presidente da República de Angola, Sua Excelência José Eduardo dos Santos que ao longo e também muito antes das negociações de Lusaka, nos apoiou sempre nos esforços para encontrar uma solução para o doloroso problema angolano, dando assim provas da sua fé em Angola e da sua profunda preocupação no que diz respeito ao futuro desse povo mártir que só deseja viver em paz. Esta atitude de Sua Excelência o Sr. Presidente da República de Angola, foi nomeadamente posta em evidência quando se tratou da questão da reconciliação nacional. Com efeito e ignorando qualquer consideração legítima resultante das normas e práticas democráticas, e porque unicamente zeloso pela felicidade das angolanos martirizados durante 19 anos por uma guerra fratricida, o Presidente de todos os angolanos deu mostras de uma grande abertura para se ultrapassarem os obstáculos que pavimentavam o caminho da reconciliação nacional que constituía um verdadeiro desafio. Disso, Sr. Presidente da República de Angola, toda a comunidade internacional se lembrará.

É também lugar para saudar a vontade política do Presidente da UNITA, que contribuiu de maneira significativa para a conclusão do processo de paz. O Dr. Jonas Malheiro Savimbi sempre pousou sobre mim os seus olhos de mais velho impregnado de cultura africana; encorajava-me a encontrar uma solução africana para a crise angolana. Mesmo se alguns momentos de optimismo ligados à sua vontade inequívoca de encontrar a paz, deram lugar a um certo pessimismo, as cinco entrevistas que tive no Huambo com o Dr. Savimbi desde o nosso primeiro encontro aos 8 de Julho de 1993, reforçaram ao longo do tempo a minha convicção de que a paz é possível. Dr. Jonas Malheiro Savimbi, permiti-me aqui e agora testemunhar; assegurou-me desde cedo e desde então não cessou de reiterar-me, que a sua opção política assim como a opção política da UNITA, é a solução pacífica do drama angolano. Deu provas disso até agora e ninguém duvida que nos dias, semanas e meses por vir, terá como objectivo primordial o seguimento dessa única via.

Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Distintos Convidados.  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É também aqui lugar para endereçar os meus sinceros agradecimentos a todos os Chefes de Estado que aceitaram abrilhantar esta cerimónia, estando presentes em Lusaka. É uma presença que nos honra.

Na sua qualidade de Presidente dos Países da SADC e de Presidente do Comité Ad-Hoc da OUA para Angola e apesar das suas enormes responsabilidades, Sua Excelência o Sr. Mugabe, Presidente da República do Zimbabué, sempre me recebeu cada vez que pedi para encontrar-nos, para tirar proveito da sua longa experiência e do seu apoio inestimável. Conhecedor do preço da paz, sempre levou a cabo acções eficazes a favor de Angola.

A comunidade internacional ficará agradecida a Sua Excelência o Sr. Trovoada, Presidente da República de São Tomé e Príncipe e Presidente da Organização dos Países Africanos Lusófonos. da qual Angola faz parte. O Presidente Trovoada seguiu com particular atenção as conversações de Lusaka e não hesitou em levar a cabo acções eficazes, apesar de discretas.

Sua Excelência o Sr. Presidente Bongo sempre me dedicou o seu tempo e não poupou conselhos judiciosos que contribuíram para a definição de uma abordagem e de uma estratégia que já deram provas desde a histórica cimeira de Franceville. Os nossos respeitosos agradecimentos vão também para Sua Excelência o Sr. Presidente Mobutu, que se dispôs a dar-me conselhos muito úteis antes e durante as negociações.

Sua Excelência o Presidente Nujoma, da República da Namíbia, que mantém laços históricos com o Sr. Presidente da República de Angola e com o Dr. Savimbi, não se negou a colocar essas relações específicas ao dispor da paz. As numerosas audiências que se dignou conceder-me, atestam a sua determinação em contribuir para a resolução do conflito angolano.

É com prazer que saúdo também Sua Excelência o Sr. Presidente Lissouba, da República do Congo, país cujo papel na procura da paz para Angola não precisa de ser demonstrado.

Não poderia deixar de agradecer ao mais velho de todos os ilustres Chefes de Estado aqui reunidos para a boa causa; nomeadamente o Presidente da República da África do Sul, Sua Excelência o Sr. Nelson Mandela, cuja própria vida é crónica de engajamento para o triunfo das virtudes de igualdade, de respeito da dignidade humana e de devoção ao interesse geral.

As componentes mais significativas da sua grande obra que atendem pelo nome de unidade na diversidade, tolerância, perdão sincero e solidariedade, constituem precisamente, Excelência Presidente Mandela, os alicerces do Protocolo de Lusaka. Com a vossa permissão, expressarei também a minha profunda gratidão ao presidente do Banco Africano para o Desenvolvimento, o Sr. Babacar Ndiaye, meu antigo empregador que aceitou sem emitir dificuldades, o meu destacamento para junto da ONU para contribuir na busca de uma solução negociada para o conflito angolano.

A presença em Lusaka de tantos Chefes de Estado que deram um contributo significativo para a busca da paz em Angola, ilustra a vontade de todos em participarem no reforço da paz e da prosperidade em África através de uma cooperação activa com a nova Angola reconciliada. Obrigado a todos vós!

Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Distintos Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Queria agora agradecer a disponibilidade e o apoio das minhas irmãs e irmãos, Representantes residentes dos escritórios do PNUD, assim como os seus colaboradores de Lusaka, Harare, Windhoek, Kinshasa, São Tomé, Libreville, Bamako e Abidjan. De certeza que estou omitindo devido ao grande número de países implicados de diversas maneiras, na busca da paz para Angola. O pessoal dos escritórios do PNUD desempenhou um papel deveras útil na logística das negociações. A sua disponibilidade assim como a sua dedicação honram a grande família da ONU à qual temos o prazer de pertencer.

Entender-me-ão facilmente se fizer uma menção especial ao Sr. Yucer, Representante residente do PNUD na Zâmbia, que durante um ano, quer de dia como de noite, chovendo ou que fazendo bom tempo, se colocou à nossa disposição. A ele como a todos os seus tão dedicados colegas, vai expressa a minha profunda gratidão.

Excelência, permitirá ainda, nesta solene ocasião, que eu reitere a homenagem merecida aos meus colegas Representantes dos Estados Observadores dos Acordos de Bicesse.

A palavra que mais se apropriaria para exprimir o que sinto é a de coesão. No meu País diz-se para caracterizar que a união faz a força, que: "um só dedo não pode apanhar uma pedra". O denominador comum da minha sólida colaboração com os Representantes dos Estados observadores, foi constituído pela coesão, perseverança, transparência e confiança. Isto permitiu que nos posicionássemos à simetria das maiores preocupações do Governo de Angola e da UNITA e de não sentir todos os que pensavam que a guerra angolana era o protótipo da crise insolúvel. Na realidade, não há crise nem conflito, que uma equipe unida, mobilizada, determinada e trabalhando sem à priori, não possa resolver.

Excelências, Senhores os Representantes dos Estados Observadores dos Acordos de Bicesse. Caros amigos, as longas horas de acérrimos e às vezes exaltantes debates, aproximaram-nos e permitiram-me conhecer e apreciar o mérito de cada um de vós. A feliz combinação da rica experiência e espírito de análise de Sua Excelência Paul Hare, da espontaneidade de Sua Excelência Edmund de Jarnette, do pragmatismo, paciência e inteligência de Sua Excelência João de Rocha Páris pelo seu profundo conhecimento da questão angolana, da subtilidade de sua Excelência Mikhael Botchernikov, do rigor e da prudência profissional de Sua Excelência Ari Kapralov, constituiu o elemento decisivo que ajudou a mediação a convencer os angolanos que podiam alcançar, em Lusaka, um acordo de paz e transformar os seus temores em esperança.

A nossa diversidade cultural não foi um empecilho, pelo contrário, constituiu um importante trunfo. Eis a prova de que quando a diplomacia do Sul e a do Norte,

aceitam conjugar os seus esforços na medida das suas disponibilidades e no engajamento sem cálculos e transparência ao serviço da paz, nada pode impedi-Ias de atingir esse objectivo.

Só me resta dizer uma palavra nesta solene ocasião que todos nós desejamos: abrindo. Agradeço aos vossos países e aos vossos dirigentes pela tão útil colaboração, na obtenção deste Acordo de Paz que hoje faz a felicidade do povo angolano e de todos os africanos, porque o conflito angolano constitui uma longa provação que já ceifou milhares de vidas, sacudiu a África, marcou o mundo e abalou as consciências.

Eis os Homens, Excelência Senhor Secretário-Geral das Nações Unidas, que fitaram a paz em Angola; eis os Homens que permitiram ao seu Representante Especial, desenvolver a missão qualificada então de suicida, apelação para a qual preferimos o termo de perigosa; eis os homens que permitiram que o seu Representante Especial conduzisse este processo sob sua alta autoridade. Devo confessar aqui, que sem a fé que depositava no que desenvolvíamos em Lusaka, sem a confiança baseada em antigas relações pessoais, sem o árduo trabalho de seguimento, escuta e dialogo diário com todos os nossos colegas do Secretariado Geral de Nova-Iorque, nada daquilo de que hoje nos regozijamos, teria sido possível.

O mesmo se aplica ao comportamento dos Embaixadores acreditados em Lusas, caracterizado por disponibilidade e paciência, nomeadamente daqueles cujos Estados são membros do Conselho de Segurança e que, de maneira positiva, sempre sentiram e serviram o processo.

Não poderia deixar de acabar estas palavras preliminares, expressando minha total satisfação e profunda gratidão com relação a todos os colegas militares e civis da UNAVEM, todos os chefes e pessoal das Nações Unidas em Angola, que de maneira discreta mas eficaz, me apoiaram sempre que foi necessário, para o feliz desenlace dessas negociações.

Desejo também englobar nesse reconhecimento, o pessoal zambiano do Centro de Conferências de Mulungushi, o pessoal dos três hotéis (Intercontinental, Pamodzi e Ridgeway) e evidentemente, todos os motoristas que tão bem nos acolheram e apoiaram no cumprimento da nossa missão.

O meu pensamento vai também para os que mesmo fisicamente ausentes, continuam presentes nos nossos corações porque participaram ao nosso lado na busca do consenso entre o Governo angolano e a Unita. Com certeza que entenderão que desses numerosos e anónimos, fazem parte os meus compatriotas e todos os seus Dirigentes que, desde o Mali, nos apoiaram maravilhosamente com as preces e bênçãos que essa terra de velhas tradições sabe dar.

Nesta ocasião, todos esperam a legítima alusão um ilustre filho de África que representava a sabedoria africana e que dedicou toda a sua vida à causa d paz. Nessa procura da paz, esta ilustre figura africana encontrou Angola. Descanse em paz, Félix Houphouet Boigny, os angolanos ser-vos-ão eternamente gratos e hoje honraram a sua positiva acção.

Notamos assim que o Protocolo de Lusaka é um pedaço de todos nós.

Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Distintos Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Chegou o momento de fazer menção ao Protocolo de Lusaka que será dentro de momentos assinado em nome do Governo de Angola, por Sua Excelência Venâncio de Moura, e em nome da UNITA pelo Sr. Manuvakola, Secretário-Geral da UNITA. O evento em que participamos reveste-se, seguramente, de um excepcional significado.

Desde a sua independência aos 11 de Novembro de 1975, Angola mergulhou numa longa e dolorosa guerra fratricida que os acordos de Bicesse, assinados a 31 de Maio de 1991, tentaram terminar. Os angolanos, em 29 e 30 de Novembro de 1992, cumpriram o seu dever cívico, esperando assim eliminar pelo voto, acto sagrado do cidadão, os demónios do ódio e da violência e criar finalmente as condições necessárias para uma paz justa e duradoura. Pouco tempo depois, veio a desilusão.

A Senhora Margaret Anstee que me antecedeu e a quem aqui presto uma bem merecida homenagem, foi então encarregue da mediação após ter verificado as eleições que acabavam de se desenrolar. Os esforços desenvolvidos então, a saber: as negociações do Namibe em Angola, (Novembro de 1992) e de Abidjan na Costa do Marfim (de Abril a Maio de 1993), não conseguiram dar de novo ao povo angolano, a paz, símbolo da felicidade.

O Secretário-Geral das Nações Unidas confiou-me então a 1 de Julho de 1993, a missão de prosseguir esta difícil procura da paz para Angola. Felizmente que não estive sozinho. Tive a honra de contar com a colaboração de homens e mulheres, alguns dos quais aqui presentes. Todas as preocupações de cada um dos angolanos foram objecto de acérrimas discussões e embora às vezes em ritmo muito lento, sempre foram construtivas e viradas para o futuro porque se tratava de uma obra útil e sólida, não só com relação à causa actual, como também para o futuro de Angola. Tratava-se pois, de criar as condições para uma Angola reconciliada e aceitando o desafio da Reconciliação Nacional necessária à consolidação de uma verdadeira nação unida, onde os valores republicanos prevalecessem.

Por conseguinte e após um exame minucioso de todas essas questões. As conclusões mereceram o consenso do Governo e da UNITA. Este consenso constitui o Protocolo de Lusaka que tenho a honra de apresentar. O "Protocolo de Lusaka", resultado das Conversações de Paz para Angola, é constituído por um preâmbulo e dez anexos. O Presidente da República de Angola, em nome do Governo de Angola e o Presidente da UNITA em nome da Direcção da UNITA, comprometem-se solenemente no preâmbulo, em empenhar-se para respeitar e fazer respeitar o espírito e a letra do Protocolo de Lusaka.

Seguem-se os dez anexos cobrindo dez séries de questões fundamentais:

- duas questões de ordem jurídica,
- quatro questões militares,
- quatro questões políticas.

As duas questões jurídicas têm o objectivo de atribuir o quadro jurídico às Conversações de Paz e suas duas vertentes são:

- os Acordos de Paz de Bicesse de Março de 1991 que ainda hoje são, o andamento da paz em Angola;
- as resoluções pertinentes e incontornáveis do Conselho de Segurança, verdadeira

consciência da comunidade internacional.

As quatro questões militares dizem de certa forma respeito, às soluções aos efeitos do conflito e ao controlo das suas consequências. São elas:

- restabelecimento do cessar-fogo;
- a retirada, aquartelamento e desmilitarização de todas as forças militares da UNITA;
- a formação do novo exército angolano com a integração de elementos da UNITA e a efectivação da desmobilização do excedente dos dois exércitos. Quis dar-se respostas adequadas às questões políticas e no que se refere às causas profundas do conflito caracterizadas pela desconfiança que levou a um profundo sentimento de insegurança, pela existência de firmes oposições políticas conduzindo à intolerância, pelo desejo ardente de recorrer por um lado à vontade política e por outro, à intervenção da comunidade internacional para a consolidação em prol da busca da paz.

Foram assim examinadas e resolvidas entre outras questões. as seguintes:

- a polícia angolana e o regime especial de segurança que se garantiu aos dirigentes da UNITA;
- a reconciliação nacional que passa pela participação da UNITA nos Governos Central, Provinciais e Locais, assim como a sua participação nas Missões Diplomáticas no estrangeiro;
- a necessidade de concluir o processo eleitoral e de assegurar o normal funcionamento das instituições surgidas das últimas eleições livres e democráticas realizadas em Angola aos 29 e 30 de Setembro de 1992 e;
- mandato da ONU, o papel dos Observadores aos Acordos de Paz e do órgão encarregue da aplicação do Protocolo de Lusaka.

Devo salientar que cada um desses pontos da ordem de trabalhos, foi meticulosamente discutido com o recurso a princípios gerais e particulares, modalidades e quando a necessidade se fez sentir, com a ajuda de um calendário de aplicação. Isso explica e justifica a demora das Conversações de Lusaka. Costumava dizer que o tempo gasto não o era em vão. Com efeito, evitamos a precipitação e as pressões, optamos por discutir e dialogar com toda a serenidade sobre os detalhes, de forma a evitar graves dificuldades para o futuro.

Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Distintos Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Permiti-me para concluir, cumprir com privilégio o agradável dever, de vos transmitir a mensagem que o Sr. Secretário-Geral das Nações Unidas teria gostado de endereçar pessoalmente. Não podendo fazê-lo, incumbiu-me, para a minha maior honra, de o representar e ler a mensagem que se segue:

"Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Distintos Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Há factos, datas e homens que marcam de forma indelével, a História das colectividades humanas. Nessa categoria se enquadra o evento que vos reúne neste domingo, 20 de Novembro de 1994; na acolhedora cidade de Lusaka. Existem também coincidências que interpelam as inteligências e se impõem às consciências

para constituírem marcos. É o caso deste 20 de Novembro de 1994, se nos lembrarmos que as conversações para a paz em Angola iniciaram efectivamente, há quase precisamente um ano nesse maravilhoso quadro de conferências de Mulungushi.

O Protocolo de Lusaka, constitui portanto, um novo voto de confiança entre angolanos. Consiste no primeiro Acordo de Paz para Angola, assinado em terras africanas da Zâmbia. É necessário que todos os corações angolanos, encarem um novo conceito de vida. a paz, marcada e dirigida permanentemente pelo "Protocolo de Lusaka".

É com toda a fraternidade, sinceridade e franqueza, que vos digo e reafirma n que nunca deixei de afirmar: Angola será aquilo que os angolanos quiserem aúne sela, isto e, que a paz não pode ser imposta aos angolanos contra a sua vontade. Desejar a paz é também aceitar inteiramente, as cargas que lhe são inerentes. Trata-se de conciliar, doravante, lembranças e reconciliação nacional. É importante substituir o rancor pelo perdão; o ódio pela fraternidade; as armas e explosivos pelos materiais de construção e de lavoura assim como pelas redes de pesca. A obra é enorme e necessita da participação de todos os angolanos sem distinção étnica, religiosa ou ideológica.

Convido-vos a continuarem a assumir as verdadeiras questões e preocupações do povo angolano, que se podem resumir num ardente desejo de paz. Porque de facto é deseio de Angola das aldeias como das cidades, das mulheres como dos homens, dos jovens como das crianças, viver em paz num clima de democracia, verdade e confiança mutua.

Dirigindo-me à comunidade internacional através das suas representações aqui presentes, hoje ainda mais do que ontem os angolanos necessitam do seu permanente apoio. para sarar as fendas abertas por uma longa guerra. Deveis, ou melhor, devemos estar ao lado dos angolanos para enfrentar novos desafios surgidos numa era de Paz. Devemos fazer com que, após as destruições que a guerra provocou em todos os domínios, os angolanos não sofram mais no presente e deixem de se preocupar quanto ao seu futuro.

Que este Acordo de Lusaka sela um feliz precedente que se inscreva na linha da evolução da situação na África Austral, para constituir o prelúdio, juntamente com a nova África do Sul e o Moçambique democrático, de uma era de paz verdadeira para o continente e de um acordar das consciências para com a responsabilidade dos africanos em gerirem o seu próprio destino, dando assim à África o papel que lhe cabe no cenário do dar e do receber da comunidade internacional. Muito obrigado".

Excelências Senhores Chefes de Estado,  
Distintos Convidados,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Para acabar esta alocução, é meu desejo que, a partir de hoje, comece uma nova era de salvação, obra de Deus e dos homens assim como dos angolanos sem nenhuma distinção, para que Angola se livre da guerra. graças a uma verdadeira conversão dos corações. É assim que doravante, a História dos angolanos dará páginas de paz e alegria, às gerações presentes e futuras. Os meus sinceros agradecimentos pela vossa sustida atenção.